



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

### **Ideologia e imaginário na polarização política: a batalha da Maria Antônia nas páginas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo***

### **Ideology and imaginary in political polarization: the battle of Maria Antonia in the pages of *Folha de S. Paulo* and *O Globo***

Luana Chinazzo Müller

**Palavras-chave:** Ideologia; Imaginário; Batalha da Maria Antônia; Ditadura militar; jornalismo impresso.

Mil novecentos e sessenta e oito foi um ano emblemático, que, apesar de ser lembrado pelo mês de maio, reuniu lutas sociais de janeiro a dezembro ao redor do mundo. O período foi, sobretudo, marcado por uma revolução cultural antiautoritária. Questionou-se toda e qualquer forma de autoridade, nas escolas e universidades, na política e nos lares. Foram dias de rupturas, de inflexão, de efervescência. Foi tempo de contestar processos sociais e mexer em temas profundos, tentando arrancar as raízes do conservadorismo. Muitos dos temas seguem em pauta ainda hoje, como o feminismo e o racismo, outros foram tão assimilados que tendem a parecer que foi sempre assim, por exemplo, no caso da libertação sexual.

No Brasil, o ano foi protagonizado por jovens que viam os valores se modernizarem ao redor do mundo, enquanto, no país, assistiam ao progressivo fechamento político. Viveu-se um conflito de gerações, como no restante do globo, mas respirou-se política. Para os estudantes militantes, todo espaço era arena de debate e todo o assunto era questão de luta. Muitos acreditavam que ser politizado era ser antiautoritário, denunciar permanentemente o governo e o imperialismo, se mobilizar incessantemente. Mas essa não era a opinião de todos. Assim como a Guerra Fria polarizava o mundo – entre países que apoiavam os Estados Unidos e uma orientação



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

---

capitalista e os que se identificavam com o ideal comunista defendido pela União Soviética – também os jovens se dividiam. Enquanto uma parcela pedia o fim da ditadura, outra concordava com o sistema vigente, seja pela proximidade com o governo – por exemplo, participando de programas como o Projeto Rondon – ou por defendê-lo.

Em solo brasileiro, 1968 iniciou com o assassinato de Edson Luís de Lima Souto por policiais militares durante um confronto entre as autoridades e os estudantes em um restaurante universitário no Rio de Janeiro. Apelidado de Calabouço, o restaurante servia comida popular a secundaristas e universitários que não tinham onde comer, geralmente vindos do interior. No dia 28 daquele mês, um protesto de jovens que frequentavam o lugar pedindo melhores estruturas foi repreendido pelas forças policiais, que consideravam o prédio um ponto de encontro de agitadores e estudantes organizados. No enfrentamento, um aspirante da Polícia Militar (PM) revidou as pedras dos jovens com um tiro que acertou o peito de Edson Luís. O rapaz de 17 anos era secundarista, migrara do norte do país e frequentava o Calabouço por causa de sua pobreza, e não por posições políticas. (Ventura, 2013; Gaspari, 2014).

A morte de Edson foi o começo de uma sequência de episódios violentos por parte de civis, que manifestavam, e policiais, que repreendiam, e culminou na promulgação do Ato Institucional n. 5 (AI-5). Entre a população, muitos apoiaram os estudantes em momentos como a "sexta-feira sangrenta" – 21 de junho de 1968, quando o centro do Rio de Janeiro transformou-se em campo de batalha entre o povo e a polícia – mas outros compraram o discurso anticomunista e voltavam-se contra os manifestantes. O conservadorismo não emanava apenas dos mais velhos, muitos jovens também apoiavam o regime instaurado. Apesar de aquele ano ter sido marcado pelo ímpeto de mudança dos jovens, o sentimento não era unânime entre eles. Essa divergência marcou um dos episódios mais extremos de 1968 no Brasil. No dia 2 de outubro daquele ano, quando alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

Paulo (USP) e os também universitários da vizinha Mackenzie se enfrentaram na Rua Maria Antônia, endereço dos campi. (Perrone, 1988; Ventura, 2013).

Com armas de fogo, bombas de fabricação caseira e pedras, estudantes de esquerda e de direita se confrontaram por horas a céu aberto. Na Universidade Mackenzie, jovens da classe alta paulistana participavam de grupos de direita e extrema-direita, como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC). Já a Faculdade de Filosofia tinha história na formação de líderes da esquerda. A rivalidade entre as duas escolas era antiga, mas naquele outubro alcançou proporções inimagináveis, resultando em um prédio queimado, o da Filosofia, muitos feridos e um morto a tiro – José Guimarães, de 20 anos, assassinado por um membro do CCC. (Perrone, 1988; Ventura, 2013; Gaspari, 2014).

"Os membros do CCC eram rapazes bem treinados em artes marciais e recebiam ajuda da polícia. Sempre havia policiais no meio deles. Já o pessoal da Filosofia era despreparado, e a faculdade tinha um grande número de moças", recorda Perrone (1988, p. 126). José Dirceu, líder estudantil do período, em entrevista para Ventura (2013, p. 211), relata versão semelhante: "Eles tinham carabina e metralhadora", contaria Dirceu, "e nós tínhamos apenas foguetes, pedras e molotov". Para Ventura (2013), na "Guerra da Maria Antônia" (Perrone, 1988, p. 128), a direita impôs sua postura ao movimento estudantil, até então marcado pelos ideais de esquerda. O confronto foi um ensaio da repressão que estava por vir.

Esta proposta de artigo tenciona recuperar a narrativa desse episódio de violência e incivilidade nos jornais *O Globo*, um dos maiores impressos do Brasil e objeto de estudo da autora<sup>1</sup> e *Folha de S. Paulo*, principal veículo do estado onde o

---

<sup>1</sup> A autora pesquisa o imaginário de 1968 na narrativa jornalística de *O Globo*.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

evento ocorreu, e desvelar o imaginário da polarização política e ideológica. Nossa fundamentação teórica parte de Luiz Gonzaga Motta (2013; 2018) e Muniz Sodré (2009) para conceitualizar a narrativa jornalística e de Juremir Machado da Silva (2003; 2017) e Michel Maffesoli (2011) para pensar o imaginário e a ideologia. Para desenvolver a pesquisa, usamos as *Narrativas do vivido* (Silva, 2003; 2010) como procedimento metodológico.

Partimos da premissa que a pesquisa científica deve trazer à tona o que está submerso, que deve revelar, ou ainda, desvelar, ou seja, “[...] tirar o véu que encobre o objeto”, mostrar o que não pode ser visto na superfície (Silva, 2010, p. 29); que só há uma “pro-dução” quando o pesquisador consegue des(en)cobrir o (en)coberto; e que para isso é preciso “identificar as camadas de imaginário no real (no vivido ou plasmado numa obra simbólica) e as camadas de real num imaginário (as marcas do concreto redimensionado simbolicamente)” (Silva, 2010, p. 30). Essas afirmações compõem a noção de *narrativas do vivido*, método que pensa a pesquisa como é um meio e recobrimento do objeto estudado, que busca revelar o que a familiaridade esconde.

Nesta pesquisa, adotamos a concepção de jornalismo como uma tecnologia do imaginário para descrever a atuação da narrativa jornalística analisada na produção de imaginários. As tecnologias do imaginário são dispositivos “[...] de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (Silva, 2003, p. 22), que estabelecem o laço social, e constroem e cristalizam sentidos. Elas alimentam as bacias semânticas, irrigam os trajetos antropológicos, enraízam o afetivo e o simbólico. O autor pensa a contemporaneidade, ou a pós-modernidade, a partir da perspectiva de sociedade do espetáculo (DEBORD, 2017), na qual as tecnologias do imaginário transcendem seu caráter informativo, povoando o universo mental. As TIM pressupõem sedução e adesão, não manipulação ou controle. “Mesmo estimulado por tecnologias, o imaginário guarda uma margem de independência total, de mistério, de irredutibilidade, de fictício,



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

de inútil, e nunca se reduz ao controle absoluto do agente tecnológico emissor”, ressalta Silva (2003, p. 57).

Apesar da semelhança, imaginário não é o mesmo que ideologia, que é principalmente baseada em escolhas racionais. O imaginário é permeado pelo lúdico, pela fantasia, pelo emocional. É uma fonte de impulsos que mistura o racional e o não-racional (Silva, 2003).

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra — estátua, pintura —, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário. (MAFFESOLI, 2011, p. 75).

Em nosso artigo, aprofundaremos as diferenças entre ideologia e imaginário, e tiramos os véus que encobrem as narrativas jornalísticas para identificar cada um dos dois. Nos veículos analisados são dados espaços semelhantes para o acontecimento, muito por seu caráter excepcional. Na edição de 3 de outubro, dia seguinte ao acontecimento, *O Globo* informava: “Estudantes se ‘guerreiam’ em São Paulo”. Já a capa do dia 4 de outubro apresenta a manchete: “Guerra de rua entre estudantes de São Paulo acaba com um morto”. A reportagem da página 3 narra que um estudante, José Guimarães, de 20 anos, foi morto e dois outros ficaram gravemente feridos – todos do lado da USP. O jornal explicava que havia uma guerra antiga entre os alunos da USP e os da Mackenzie por causa de suas posições ideológicas. Por sua vez, o jornal local ao acontecimento, *Folha de S. Paulo*, apresenta uma grande foto do conflito na capa do dia 3 de outubro com a seguinte legenda: “Estudantes da Filosofia-USP lançam pedras



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

contra alunos da Mackenzie, no interior desta escola, durante um conflito que durou três horas, ontem de manhã, na Rua Maria Antonia, e no qual foram feridos jovens de ambos os lados.

A Batalha da Maria Antonia é um episódio pouco lembrado atualmente, mas é emblemático por mostrar o nível ao qual a polarização política e a incivilidade podem alcançar. Reconstituímos essa narrativa, desvelando o imaginário da disputa ideológica, para mostrar que a intolerância que percebemos em nossa sociedade contemporânea tem raízes que conectam o presente ao passado.

### **Referências bibliográficas**

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

MAFFESOLI, Michel. “O imaginário é uma realidade” (entrevista a Juremir Machado da Silva). **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <[www.portalintercom.org.br/eventos/congresso-nacional/2005](http://www.portalintercom.org.br/eventos/congresso-nacional/2005)>. Acesso em: 15 out. 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: UnB, 2013.

PERRONE, Fernando. **Relatos de guerra**: Praga, São Paulo, Paris. São Paulo: Busca Vida, 1988.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer?** Porto Alegre: Sulina, 2010.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento**. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.